

VISÃO PROSPECTIVA DO MUNDO E ESPERANÇA CRISTÃ

João Baptista de Almeida Junior

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

“Ao ser interrogado se estava se sentindo bem, o Selvagem fez um sinal negativo com a cabeça e responde: — “Comi a civilização... E envenenou-me. Eu estava poluído...”

E depois acrescentou em voz mais baixa como que confessando: — “Comi o meu próprio pecado”.

(Admirável Mundo Novo, Aldous Huxley.)

Pouco depois da II Guerra Mundial, diante do sombrio quadro da civilização — crescimento demográfico, desenvolvimento tecnológico acelerado, imperialismo dos países economicamente fortes, proliferação das multimortíferas armas nucleares, que priva os homens de sua dignidade e certeza vital, — o inglês Eric Blair, escondido sob o pseudônimo de GEORGE ORWELL, escreveu um livro de desespero infernal e depravação humana. Em “1984” assim intitulado com o ano em que foi escrito trocando os dois últimos algarismos, a opinião do autor sobre o futuro é expressa claramente por seu personagem O’Brien: “Quem quiser ter uma visão do futuro, imagine uma bota pisando o rosto humano para sempre”.

Tal associação metonímica pode alçar nossa imaginação a outras dimensões ficcionistas como também, de modo inevitável, sugerir um referente atual-nominal-circunstancial. Mas, certamente, essa bota que transfigura a fisionomia humana é seqüela e não produto do progresso desenfreado. É a incerteza do amanhã devido à insegurança do hoje que faz com que a humanidade viva a esmo, desesperançadamente, sem o controle das forças reais da natureza bem como das suas.

Demoremos algumas linhas no intuito de rever fatos que, a princípio, pareçam despertar nosso ânimo.

Os últimos conhecimentos no campo da Biologia, aplicados à Medicina, poderão permitir um controle parcial do envelhecimento, do câncer, das moléstias cardíacas, dos desvios hereditários, das doenças mentais e das infecções causadas por vírus. As descobertas da Física, aplicadas

à Engenharia, fornecerão engenhosos lasers e computadores, satélites para comunicação, técnicas mais rápidas de transporte, novas fontes de energia e impensados instrumentos médicos. As pesquisas na Química motivarão novos plásticos artificiais para a fabricação de casas e móveis, fibras para roupas e materiais sintéticos, novos ingredientes para o fabrico de remédios e conservação de alimentos.

Mesmo considerando tais sucessos, para ficar só nessas três áreas do saber científico, à quase totalidade dos homens parecem muito pouco alentadores o ritmo e os benefícios do progresso **vivido e sofrido**. A antiga convivência com a natureza e o desenvolvimento sincrônico resultante deram lugar ao progresso desteleologizado humanamente: o progresso pelo progresso. E o ponto de ruptura desse equilíbrio ecológico milenar é o próprio protagonista da história — o homem. Ciente da responsabilidade pelo edifício do futuro e incapaz de determiná-lo, o homem mergulha numa angústia inerte que concorre para um indiferentismo (apatia) ou para a busca do sagrado como paliativo anestésico de uma consciência culpada e intranquã. Isto porque o ar que respiramos — e por ele somos infeccionados — é muito mais o de amanhã que o de hoje. Vivemos muito mais de futuro que de presente. E, “um homem brutalmente privado de futuro é um homem privado já da própria vida” (Mounier, *SOMBRAS DE MEDO SOBRE O SÉCULO XX*, p. 15).

E mais ainda se angustia o homem quando se lança em vãs tentativas de prever esse futuro. Apesar de uma constante renovação no requinte das técnicas de previsão — de vísceras de animais e bolas de cristal a sofisticados computadores kubrickianos — a capacidade de pressupor até mesmo o futuro a curto prazo continua (e continuará sempre) improvidente. Isso por três motivos. Há fatos a serem descobertos sobre o nosso mundo pelas ciências que não temos nenhuma intuição a respeito; por exemplo, veja-se a atualização das teorias de Einstein e os avanços no campo da Parapsicologia. Posto que conhecêssemos todos os fatos, não existe nada humano ou maquinal, com lógica e capacidade suficientes, para compreender de que maneira todos eles estão ligados e qual sua interação. E, ainda que fosse possível conhecê-los e a maneira que se processa sua interação, existe o obstáculo adicional e extremamente importante em qualquer vaticínio: as considerações sociais, políticas, econômicas, legais, militares, em suma, humanas se sobrepõem aos conhecimentos científicos e tecnológicos. Como autor dessas considerações, o homem traz latente

consgo os traços de **individualidade** e **imprevisibilidade**, característicos de sua liberdade, completamente diferente de elétrons e naves espaciais que podem ser manipuladas com relativa precisão, de acordo com a vontade do pesquisador, à sombra das leis científicas.

Por esses motivos, sobretudo pelo último, não se pode prever o futuro por mais iminente que seja. Entretanto, suas sementes já se encontram hoje nos sulcos da civilização e os homens são os encarregados dessa sementeira. Cabe não assumir uma atitude contemplativa que **separa, divide e contrapõe** humanidade e progresso, homem e mundo, trabalhador e produto do trabalho, mas procurar comprometer-se no cuidado do plantio-transformação e participar **ferrenhamente, ao mesmo tempo**, da germinação dolorosa, da alegria da floração e da coleta dos frutos. Bons ou maus, saborosos ou amargos é o homem o único responsável. Irremediavelmente paciente como todo plantador, ele vive a dupla expectativa de ver a árvore da civilização moderna o levar para as profundezas do pesadelo de Orwell ou para as sublimes alturas do sonho bíblico onde o HUMANO reconquistasse o seu primado, por sob a banalidade e superficialidade aparentes da organização técnico-social da Terra (cf. Chardin, O CORAÇÃO DA MATÉRIA, p. 225).

Colheremos frutos de catástrofe ou de apocalipse ?

1 – PERSPECTIVA PROFÉTICA

Para o cristão, aliás o único homem que propõe hoje em dia explicitamente o fim do mundo como certo, o fim do mundo é o fim **deste** mundo, a saber, o fim dessa angústia, desse ominoso pesadelo. Para ele contudo, o Apocalipse não é um decreto de catástrofe mas um poema de triunfo: a afirmação da vitória final dos que têm fome e sede de justiça e o canto delirante do reino começado aqui e continuado em plenitude, como se lê no sermão da montanha. Se o Apocalipse evoca, em fórmulas impressionantes, a cólera de Deus, não sublinha menos a sua ternura, a sua justa compaixão e, contrariamente a uma crença tradicional, fala, por várias vezes, da quantidade inumerável de eleitos.

Ante essa perspectiva profética, a idéia do fim dos tempos não é a idéia de aniquilamento mas de continuidade e consumação. O Apocalipse orienta antes para um desenvolvimento temporal e espiritual contínuo — embora sinuoso, ambíguo, crítico, disputado — do que para a vertigem de uma queda progressiva da história na maldição. A verdadeira esperança cristã não é evasão deste mundo, fuga da realidade vivida. A

esperança do além desperta, imediata e existencialmente, a vontade de organizar as coisas. Um cristianismo coerente exige de nós que estejamos na vanguarda do combate pela justiça e, em momento algum, nos instalemos numa harmonia aparentemente durável, numa contemplação da história, numa retaguarda confortável e “segura”, que resultam num indiferentismo social e inter-humano, ditado pela exaltação ingênua dos “valores cristãos” do equilíbrio interior, da paz e alegria no coração, desacompanhada de uma ação vital. Todas as parábolas evangélicas que acenam nessa perspectiva, a das virgens loucas e das virgens prudentes, a do convidado às núpcias, a dos talentos, convergem para esse tema: **desde agora o além está entre nós, ou é por nós ou não será por nós.**

Obedecendo à prescrição do Gênesis, “crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a”, o cristão procura entabolar com ela um diálogo (em tu) e depois orientá-la para Deus, tanto quanto ele próprio. A natureza não é a propriedade do homem, mas uma espécie de sacramento natural que contribui para fazê-lo voltar-se para Deus como, por sua vez, ele contribui para orientar para Deus a natureza. No âmbito social, norteando-se pela máxima “amai o próximo como a ti mesmo”, o cristão realiza a suprema vocação de pessoa ao eleger o outro, em seu redor, sujeito-objeto de seu amor promocional desinteressado e, ao invés de acumular bens egoisticamente, busca compartilhar o fruto do trabalho na vivência em grupo, em comunidade. E, preocupado com tais dimensões religiosas de sua atividade, não espera de braços cruzados a concretização da oferta natural e da comunhão social, mas procura como que antecipar o futuro, numa espécie de glotoneria espiritual, trabalhando para a divinização da natureza e personalização dos homens e, correlativamente, contribuindo para a própria e coletiva HOMINIZAÇÃO¹.

O exemplo dos cristãos do fim do primeiro milênio, que nos narra Emmanuel Mounier no livro citado, é muito significativo. Apesar das nuances românticas do relato, o texto sugere uma experiência literal de vivificação da esperança cristã. Ao aproximar-se do ano 1000 (número bíblico e apocalíptico que inspira uma ação escatológica), os cristãos não desesperaram ou mergulharam em sua aflição geral, mas, mesmo sentindo um implacável temor ante a pendência do julgamento divino, retomaram o ritmo normal de vida e procuraram “colocar a casa em ordem” para que Deus pudesse chegar dignamente.

Um universo que semeia bilhões de estrelas em bilhões de anos-luz e que prodigaliza, em volta de cada nascimento, milhares de germes, não nos parece antes disposto a lançar alguns milhões de anos na balança

da história do que alguns magros séculos de experiência que totalizamos na marcha feita até agora? Quem sabe se não somos nós, na escala da história total, os chamados homens primitivos, os homens das cavernas. É o que se pode crer, facilmente, olhando em torno de nós e para nós, sem muito esforço de análise ou pesquisa para perceber nossa barbárie sempre renovada. Mais ainda, o que são vinte séculos de nossa história na amplitude da história dos homens e do mundo? Uma gestação? Um infância? E o que representa nosso pequeno planeta nesse imenso universo de dimensões galácticas que sabemos em expansão? Um cisco? Um grão de areia?

Essas observações não são mais plausíveis do que a crença contrária de um universo moribundo. Elas também argumentam com parâmetros espaço-temporais em que não há medida comum entre nossos anos-luz e as fronteiras do universo, nem entre a lei do tempo e a óptica da eternidade. Esta reflexão tenta mostrar-nos que o futuro não tende fatalmente para este ou aquele sentido. O fim dos tempos, previsto pelas profetas bíblicos, está suspenso sobre cada idade histórica com a mesma **urgência**. Tanto pode surpreender a humanidade triunfante nas criações de seu gênio ou marchando de crise em crise numa espiral progressiva, como pode consumir uma humanidade entregue ao desgoverno e à própria anarquia. Mounier mais uma vez nos alerta sobre a disposição providencial de Deus que não está para brincar com os homens — o que seria uma injustiça incabível: “Se se pensa que está nos planos de Deus confundir a suficiência do homem, a prova disso, se ousar falar assim, só será plenamente válida se Ele der ao homem ocasião de desenvolver ao máximo as faculdades que lhe concedeu. Enleá-lo muito depressa na sua própria malícia seria fazer mão baixa no jogo e oferecer-se um triunfo bastante fácil a um Deus generoso” (idem, p. 23).

Nesse sentido, o Apocalipse situa-se sob uma luz completamente diversa. De maneira alguma e em tempo nenhum lança o anátema sobre a história do homem ou sobre as suas conquistas. Dá antes a imagem de uma convergência de todas as nações, através dos seus próprios erros, para um grande pólo magnético misterioso que as atravessa e as impulsiona. Mistério velado pela ambigüidade e incerteza humanas mas, ao mesmo tempo, mistério REVELANTE-REVELADOR que nos passos do tempo vai deixando suas impressões, as quais nos cabe interpretar.

Nenhuma dedução teológica, nenhuma interpretação das Escrituras confirmará nossas análises acerca dos “sinais dos tempos”. Tudo nos

leva a pensar que, ainda certo número de vezes, no momento em que tudo andar mal em torno de nós, seremos precipitados e acreditaremos na vinda iminente dos tempos anunciados. Mas, certamente, no dia aprazado nos deixaremos apanhar como crianças.

Para Teilhard de Chardin, “por sua própria função, nem Deus que nos atrai pode ser menos perfeito, nem o mundo com o qual co-evoluímos pode ser menos estimulante do que O concebemos e do que necessitamos. Tanto num caso como noutro é na direção do máximo que reside a verdade” (idem, p. 238).

2 – PERSPECTIVA CATASTRÓFICA

Ao lado dessa perspectiva profética, pouco comum em nosso mundo contemporâneo, aparece outra fundamentada na angústia de viver, no seu aspecto mais atual. Ela já não apresenta a mescla de esperança e de afirmação pessoal e histórica que observamos na visão apocalíptica. Suas características mais visíveis são: medo, tormento e desespero.

Durante séculos os homens sabiam que a vida neste planeta só é possível porque milhões de fatores estão em equilíbrio preciso e delicado. Jamais antes esse ecossistema esteve em perigo. Se as catástrofes acarretadas por duas guerras mundiais, o emprego de técnicas de aviltamento, os meios terrificantes de destruição explicam, em larga medida, o desespero do homem, tais causas não são as únicas.

A maior descoberta deste tempo talvez seja a de que nosso mundo não é indestrutível e que sua habilidade em manter a vida não é ilimitada. Pela primeira vez na história, a condição física do planeta impõe-se sobre a inteligência humana de modo intimativo e sua organização pelo bem humano torna-se não uma abstração filosófica mas uma necessidade operacional.

A compressão de toda a humanidade num único espaço habitável é outro acontecimento marcante. A “aldeia” transforma-se em “arena global” onde a questão premente é se o mundo se tornará uma comunidade ou um deserto, um único **habitat** ou um campo de batalha. Isto significa que cada vez mais a escolha para os homens está entre se tornarem guerreiros ou cidadãos do mundo.

E, mais incomodativo que a degeneração natural e o acotovelamento demográfico crescente, que exigem uma certa consumação temporal, é o fato, grandemente favorecedor do profetismo sombrio, das desco-

bertas atômicas. O domínio da fissão nuclear pela ciência, para alguns, assumiu o espectro de um pacto satânico, de um conchavo de bruxos. Conquistou-se um poder único, contrário a todos os outros e a si mesmo, o poder de fazer ir pelos ares esse planeta com a humanidade que carrega e, mais incrivelmente, de eliminar seu poder de criar esse ou outros poderes.

Até o presente não se podia dizer da humanidade que era "senhora do seu futuro", pois, estava ainda **condenada** a um futuro. Agora, no entanto, a humanidade como tal deverá fazer a opção de si mesma, sendo-lhe preciso, sem dúvida nenhuma, um esforço heróico para não escolher a facilidade — o **suicídio** — aspecto derrotista da expectativa catastrófica.

A humanidade está metida na situação em que se encontraria um viajante, sem saber dirigir, ao lado de um chofer morto subitamente em um automóvel a toda velocidade. A humanidade perdeu as alavancas de controle do mundo que construiu e vê este mundo correr, loucamente, para acontecimentos que já não consegue dominar. Note-se que o motorista foi assassinado pelo próprio viajante num ímpeto de poder descontrolado. Uma arma sempre é perigosa, porém mais perigosa ainda nas mãos de um incauto. Desta maneira, o mundo e a vida hoje perigam não por uma falha cósmica ou por negligência divina mas em virtude da intervenção humana.

Não se trata aqui de uma impertinência saudosista ante o progresso. Critica-se aquele progresso autógeno, que chega como a moda, implanta-se com raízes profundas no meio humano e para o qual o homem não procura olhar criticamente. Procura apenas, adaptar-se como se fosse um novo deus a impor inapelavelmente sua vontade, suas condições, sua "comunhão consumista". Através dele, pelo mito conservador da tranqüilidade, o homem cerca-se de insegurança para, depois de experimentar suas conseqüências, buscar um meio de as evitar, reduzir ou neutralizar. Não seria mais sensato ir às causas e aos processos, compreendê-los e enfrentá-los corajosamente em lugar de tentar apagar-lhes as conseqüências? Mas isso o homem não faz porque essa espécie de progresso, destituído de um sentido personalista e repleto de componentes narcisistas, criado a sua imagem e semelhança com todas as suas falhas, é o substituto material do Deus espiritual. O erro está em se constituírem os produtos desse processo — ou mesmo o processo — como valores absolutos, impermeáveis à análise e refratários à força corretiva da consciência. A embriaguez desses

falsos valores estabelece péssima inversão dos valores reais. Forçosamente, o homem só pode fazer uma coisa: aceitá-los e adaptar-se a eles não importa o que lhe custe em termos humanos. De outro modo, paradoxal, a única escapatória é a morte, visto que o amanhã permanece nebuloso, ameaçador e desumanizante. Em uma palavra, **nulo**.

Em vista da fragilidade de suas construções, construções em todos os sentidos feitas sobre a areia, produzem-se abatimentos surdos individuais, cujo acúmulo acaba provocando uma epidemia pública: o niilismo.

O niilismo emerge dessa insegurança do homem como projeção de sua angústia pessoal e como reação maciça de tipo infantil. Da mesma forma que os seres fracos, impotentes, nervosos não analisam as próprias ações nem tampouco os seus objetivos, os niilistas desanimam logo. Seu primeiro impulso é global, entusiasta, cego. Deixam-se arrastar, encantados ou iludidos, por uma coisa qualquer: um **elan**, um interesse, uma satisfação. Logo passam as ondas de fervor, caem em si e sentem o peso da ascensão brusca e impensada, da aventura louca, da atitude pueril. Na vertigem da queda, desesperados na procura de algo em que sustentar-se, agarram-se a novos deuses, produtos da própria razão e atividade humanas.

É importante lembrar que existe um tipo de niilismo criador e provisório que anuncia a escalada de uma grande inspiração e previamente varre o terreno. Este não é destruidor senão em aparência. Não leva coisa alguma ao nada. Quer que se chame nada ao nada e que se passe adiante. É o nada **pressuposto** e não **posposto**. Mas, o niilismo pertinente à perspectiva catastrófica, que Nietzsche já distinguia do anterior, não é a consciência de uma grande força nascente, mas a exacerbação do desgoverno e a raiva da impotência. É uma lei na qual as grandes forças instintivas, quando não acham em que se satisfazer, têm ampla ressonância sobre os elementos contrários: a paz se busca através da violência, a saciedade pelo aniquilamento, o amor se transforma em ódio, o crescimento pessoal em arrivismo. É uma necessidade irresistível de sufocar, de quebrar, de pisar sob os pés tudo quanto recusa a nossa dominação.

3 — FIO DE ESPERANÇA: O HOMEM

“O homem foi feito para ser superado”.

Nietzsche.

Subitamente, uma nova ordem, uma nova sabedoria, uma nova esperança tornam-se necessárias para impedir que a humanidade se trans-

forme em inimiga da sua própria sobrevivência. Nova ordem que possa deter o envenenamento do ambiente natural e que possa preservar as fontes de alimento e energia do mundo. Nova sabedoria que possa autenticamente aplicar a tecnologia para a elevação de toda a sociedade humana. Nova esperança, que possa ajudar os homens a reafirmar sua confiança uns nos outros e a restaurar sua sensibilidade à vida e a Deus. É loucura pensar que a genuína criatividade — seja no indivíduo ou na sociedade — possa existir na ausência de sensibilidade humana e espiritual altamente desenvolvidas.

Mais do que nunca é preciso refletir sobre o sentido da libertação do homem à medida que aumentam seus poderes. A humanidade deverá escolher entre um domínio sempre maior da criação e um salto para a liberação ou o enlevo, também crescente, de um progresso inebriante e o suicídio por envenenamento. Pode-se dizer que, em tal crise de opção, **a maturidade da humanidade começa agora.**

Nesta hora o homem é chamado, pelo movimento da sua invenção, a tomar posse dele não mais miticamente, adorando o seu deus novo, mas efetivamente, através de uma conquista mais racionalizada e irmanada.

Assim, uma visão prospectiva do mundo é o primeiro passo em direção à nova realidade. É o rumo pelo qual o homem estabelece objetivos mais altos. É o amparo ideal de um sonho que se quer real. Se pudermos conceber um desígnio justo e responsável para as nossas vidas coletivas, estamos já bem encaminhados para consegui-lo.

“Otimismo ou pessimismo absolutos. Entre os dois, escreveu Teilhard de Chardin, nenhuma solução média, pois que, por natureza, o PROGRESSO² é tudo ou nada. Duas direções, e apenas duas direções, uma para cima, outra para baixo, sem possibilidade de ficarmos agarrados a meio caminho. Nem num sentido, nem noutro, há qualquer evidência tangível. Mas convites racionais a um ato de fé” (O FENÔMENO HUMANO, p. 252).

As Escrituras nos despertam para uma esperança, expressão da fé no Criador e no homem colaborador e dimensão positiva de nossa visão do futuro, que não deve ficar confinada a demonstrar proposições mas, **hic et nunc**, subverter a ordem temporal, buscando projetar novas percepções, novos labores, novas práticas de vida. Esperança abraâmica, no sentido mais existencial, que empreende obras impossíveis aos olhos da razão hu-

mana e contra todas as evidências da experiência, apoiando-se principalmente na Palavra revelada.

À medida que a humanidade avança, a condição do homem se torna a um tempo mais perigosa e mais aberta. As possibilidades de erros irreversíveis aumentam, mas também as possibilidades de superação. Importa, sobretudo, “não tomar o Deus de caridade por um fazedor de catástrofes” (Mounier, idem). O deus louco que provoca essas coisas tem um nome muito simples: chama-se **homem**. E anda muito esquecido e distanciado do Deus que não é culpado dessas coisas.

BIBLIOGRAFIA

CHARDIN, Pierre Teilhard de; **O Fênomeno Humano**, Livraria Tavares Martins, Porto, 1970.

CHARDIN, Pierre Teilhard de; **Mundo, Homem e Deus**, textos selecionados e comentados por José Luiz Archanjo, Cultrix, São Paulo, 1978.

MOUNIER, Emmanuel; **Sombras de Medo sobre o século XX**, Agir, Rio de Janeiro, 1958.

MOUNIER, Emmanuel; **O Compromisso da Fé**, Livraria Duas Cidades, São Paulo, 1971.

ORWELL, George; **1984**, Editora Nacional, Rio de Janeiro, 1965.

NOTAS

(1) HOMINIZAÇÃO entendida aqui em seu duplo sentido: **elementar** que consiste na passagem da vida animal não-reflexiva à vida humana reflexiva, segundo um processo progressivo de continuidade (cefalização, conscientização) que não exclui, a certo momento, uma emergência síntese em descontinuidade com o anterior precedente; e **coletiva**, que se refere à **socialização** dos indivíduos numa mesma espécie, constituindo-se uma comunidade orgânica humana que tende a fazer as pessoas entrar numa nova síntese que os une num todo, **personalizando-as** sempre mais.

(2) PROGRESSO: não simplesmente o desenvolvimento técnico-material, condicionado pelas forças transformadoras humanas, apêndice de um movimento mais geral que atravessa o universo, mas também a elevação espiritual da matéria através de um processo evolutivo (com o homem), orientado pelas leis da complexidade crescente e consciente, em direção a um alto grau de perfeição na unidade de todas as coisas em Cristo.